

Brasil cai 18 posições no ranking de competitividade do Fórum Econômico Mundial

Fonte:

Análise apresentada pela
Fundação Dom Cabral*
<https://www.fdc.org.br>

Ranking coloca a produtividade como grande desafio global e mostra como a crise política prejudica o lado 'real' da economia do Brasil

O Brasil perdeu 18 posições no ranking que avalia a competitividade de 140 países, divulgado pelo Fórum Econômico Mundial em parceria com a Fundação Dom Cabral. Na 75ª colocação - a pior posição na série histórica -, o país sofre com a deterioração de fatores básicos para a competitividade, como a confiança nas instituições e o balanço das contas públicas, e fatores de sofisticação dos negócios, como a capacidade de inovar e a educação.

A avaliação pouco otimista não ficou, contudo, limitada à economia brasileira. O Relatório Global de Competitividade 2015-2016 aponta um quadro de estagnação para a economia global, conhecido como o 'novo normal' - crescimento econômico mais baixo, desaceleração dos ganhos em produtividade e elevação da taxa de desemprego estrutural. Para reverter esse quadro, os países precisam retomar uma agenda de aceleração do crescimento com foco, sobretudo, no aumento da produtividade e inclusão social.

O Fórum Econômico Mundial define competitividade como o conjunto de instituições, políticas e fatores que determinam o nível de produtividade de um país. As notas e os rankings são calculados a partir de dados estatísticos e de pesquisa de opinião realizada com executivos dos 140 países participantes. Cento e dezoito variáveis são analisadas e agrupadas em 12 categorias. Para coletar os dados de maneira eficiente, o Fórum Econômico Mundial conta com o apoio de uma rede de mais de 160 instituições parceiras. No Brasil, a Fundação Dom Cabral é responsável pela pesquisa de opinião realizada junto à comunidade empresarial. Em 2015, ouviu 197 executivos entre março e maio.

Os Mais Competitivos

A Suíça está em 1º lugar no ranking de competitividade do WEF pelo sétimo ano consecutivo. Líderes em inovação, os suíços têm taxa de desemprego estável, o que está relacionado ao excelente sistema de educação e à eficiência no mercado de trabalho. Cingapura e Estados Unidos vêm na sequência. “A análise mostra que todos os países no topo do ranking têm uma característica marcante em comum: apresentam excelente habilidade em nutrir, atrair, apoiar e desenvolver talentos”, avalia Carlos Arruda, coordenador do Núcleo de Inovação e Empreendedorismo da Fundação Dom Cabral e responsável pela coleta e análise dos dados do ranking no Brasil.

Os 10 países mais competitivos segundo o Relatório de Competitividade Global 2015-2016

Países	Ranking 2015	
Suíça	1º	→
Singapura	2º	→
Estados Unidos	3º	→
Alemanha	4º	↑
Holanda	5º	↑
Japão	6º	→
Hong Kong	7º	→
Finlândia	8º	↓
Suécia	9º	↑
Reino Unido	10º	↓

Os Menos Competitivos

A maioria dos países menos competitivos pertence à África Subsaariana, com exceção do Haiti, Venezuela e Myanmar. Guiné, Chade, Mauritània, Serra Leoa, Burundi e Malawi ocupam os últimos lugares do ranking. Países com menores índices de competitividade caracterizam-se por instituições fracas, infraestrutura deficiente e educação não inclusiva e de baixa qualidade, além de péssimo sistema de saúde.

Os 10 países menos competitivos segundo o Relatório Global de Competitividade 2015-2016

Países	Ranking 2015	
Myanmar	131º	↑
Venezuela	132º	↓
Moçambique	133º	→
Haiti	134º	↑
Malawi	135º	↓
Burundi	136º	↑
Serra Leoa	137º	↑
Mauritània	138º	↑
Chade	139º	↑
Guiné	140º	↑

América Latina

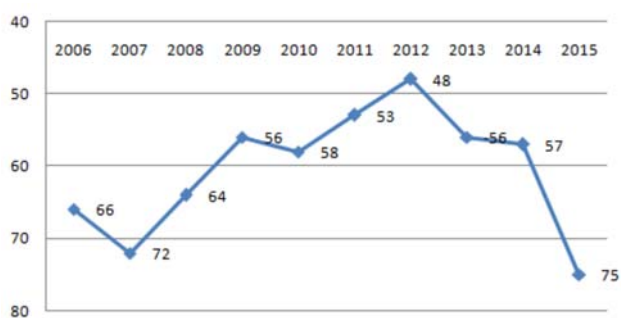
O Chile é o país mais competitivo da América Latina, em 35º lugar no ranking geral, seguido do Panamá (50º lugar). A economia chilena destaca-se por sua economia estável nos tempos de crise e sólidas instituições, além de ter eficientes mercados financeiros e alta prontidão tecnológica. A Colômbia vem apresentando melhoras nos últimos anos e ganhou 5 posições.

Forte queda do Brasil

O Brasil atingiu a sua pior posição no ranking do Relatório Global de Competitividade, chegando ao 75º lugar, uma queda inédita de 18 posições. O país está, agora, abaixo de alguns de seus principais concorrentes, como México, Índia, África do Sul e Rússia, e de economias menores como Uruguai, Peru, Vietnã e Hungria.

Os principais fatores que justificam essa perda significativa de competitividade são fatores da atual conjuntura, e, também, fatores estruturais e sistêmicos, apontados em todas as edições do Relatório Global de Competitividade desde a década de 90. “A crise econômica e política que se deteriora desde 2014, associada a fatores estruturais e sistêmicos, como sistema regulatório e tributário inadequados, infraestrutura deficiente, educação de baixa qualidade e baixa produtividade, resultam em uma economia frágil e incapaz de promover avanços na competitividade interna e internacional”, afirma Carlos Arruda, da Fundação Dom Cabral.

**Posições do Brasil no Ranking do Relatório
Global de Competitividade 2006 – 2015**



A desconfiança do Estado e o pessimismo com a economia refletiram-se na queda em todos os fatores medidos por meio de pesquisa de opinião com os executivos brasileiros, realizada entre março e maio deste ano. A consulta mede a percepção dos empresários sobre o ambiente econômico, político, de negócios, entre outros aspectos.

No Relatório de 2015, o Brasil apresentou piora em 9 dos 12 pilares, apresentados abaixo. As quedas mais acentuadas foram nos quesitos básicos de competitividade (instituições, ambiente econômico, saúde e educação primária) e nos indicadores de sofisticação e inovação do ambiente empresarial. Os pilares infraestrutura, prontidão tecnológica e tamanho do mercado tiveram leves avanços, subindo duas posições cada.

Desempenho do Brasil nos 12 pilares de Competitividade

Requerimentos básicos	103°	Potenciadores de eficiência	55°
Instituições	121°	Educação superior e treinamento	93°
Infraestrutura	74°	Eficiência do mercado de bens	128°
Ambiente econômico	117°	Eficiência do mercado de trabalho	122°
Saúde e Educação primária	103°	Desenvolvimento do mercado financeiro	58°
Inovação e fatores de sofisticação	64°	Prontidão tecnológica	54°
Sofisticação dos negócios	56°	Tamanho do mercado	7°
Inovação	84°		

Requerimentos básicos

Neste grupo de fatores, o pilar **Instituições** caiu 27 posições, em função de variáveis associadas à ética nas relações entre o setor público e privado e à corrupção. Indicadores como confiança pública em políticos (138a), pagamentos irregulares e subornos (112a), comportamento ético das firmas (133a), pouca eficácia dos conselhos corporativos (79a) e proteção aos interesses de acionistas minoritários (78a) estão diretamente ligados aos recentes escândalos de corrupção que envolveram poder público, partidos políticos e iniciativa privada. Houve, ainda, significativa piora em todos os indicadores associados às práticas de governança das empresas.

O pilar **Infraestrutura** traz uma leve melhora em relação ao ano passado, fruto dos investimentos para a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. O segmento Infraestrutura Aérea subiu 18 posições. Na direção contrária, o país perdeu sete posições no indicador de qualidade do fornecimento de eletricidade. Fatores que medem a qualidade dos portos e das rodovias continuam ruins, nas posições 120o e 121o, respectivamente.

No **Ambiente Econômico**, houve uma forte queda de 45 posições, devido, basicamente, ao equilíbrio fiscal, medido pelo déficit do orçamento do governo. “O aumento de gastos do governo e a perda de controle do orçamento evidenciam um modelo de estrutura do governo inviável no longo prazo, com a deterioração rápida das contas públicas e da incapacidade política de se fazer o ajuste fiscal”, explica Carlos Arruda. Como positivo neste pilar, destaca-se o crescimento da poupança doméstica que, apesar de ainda baixa (16,2% do PIB), teve um crescimento de 10% em relação a 2013, com um ganho de 15 posições neste indicador.

Nos indicadores **Saúde e educação primária**, houve melhoras nos índices de malária, tuberculose e HIV/Aids. Na educação, queda de seis posições na qualidade da educação e a redução de matrículas no ensino primário (112o lugar). “Este é um dado preocupante, porque compromete a competitividade do país no longo prazo. Segundo dados recentes do Censo Escolar do Ministério da Educação, o ensino básico perdeu 5,1 milhões de alunos nos últimos 14 anos, o que reflete a transição demográfica da sociedade para o envelhecimento e também o grande número (2,8 milhões) de crianças e jovens de 4 a 17 anos atualmente fora da escola no país”, pontua Arruda.

Potenciadores de eficiência

Neste grupo de fatores, houve queda considerável apenas no pilar **Educação superior e treinamento**, o que revela deficiências na disponibilidade e na qualidade de instituições que apoiem o desenvolvimento e treinamento técnico e profissional.

No pilar **Eficiência do mercado de trabalho**, diferentemente dos países mais competitivos do relatório, a capacidade do Brasil de atrair e reter talentos piorou muito, perdendo 33 colocações e chegando à 94a posição. Outros pontos de atenção neste pilar são a cooperação nas relações de empregador e trabalhador (129o), flexibilidade da determinação de trabalho (123o) e efeito da taxa para incentivar o trabalho (138o).

O **desenvolvimento do mercado financeiro** no Brasil teve uma queda de cinco posições, em função da pouca disponibilidade de crédito com a piora do acesso aos financiamentos. O financiamento via *equity* caiu vinte posições e a disponibilidade de capital de risco, 12 posições. No entanto, a facilidade de acesso a crédito via bancos e outras fontes se manteve constante de 2014 para 2015.

No pilar **prontidão tecnológica**, a transferência de tecnologia por investimentos estrangeiros apresentou perda de 19 posições, chegando à 58a posição. O uso da internet e de celulares com banda larga aumentou significativamente, evidenciando a capacidade de inserção tecnológica da população brasileira.

O **tamanho do mercado** brasileiro, ponto forte do país, ficou em sexto lugar. O PIB, em bilhões, é o sétimo maior dos 140 países. A exportação como percentual do PIB ainda é muito baixa (138ª colocação), o que indica o grande potencial do país para avançar cada vez mais na expansão do mercado internacional.

Inovação e fatores de sofisticação

Neste terceiro grupo de fatores, as perdas foram expressivas. No que diz respeito à **sofisticação de negócios**, medida por meio da percepção dos empresários, houve uma queda de nove posições. A visão pessimista dos respondentes, executivos ligados aos problemas correntes de competitividade do Brasil, resultou em uma queda de 22 posições na quantidade de fornecedores locais (42a), de 18 posições na qualidade desses fornecedores (72ª), de 14 posições no controle de distribuição internacional de produtos (69a) e de 10 posições na sofisticação do processo de produção (58a).

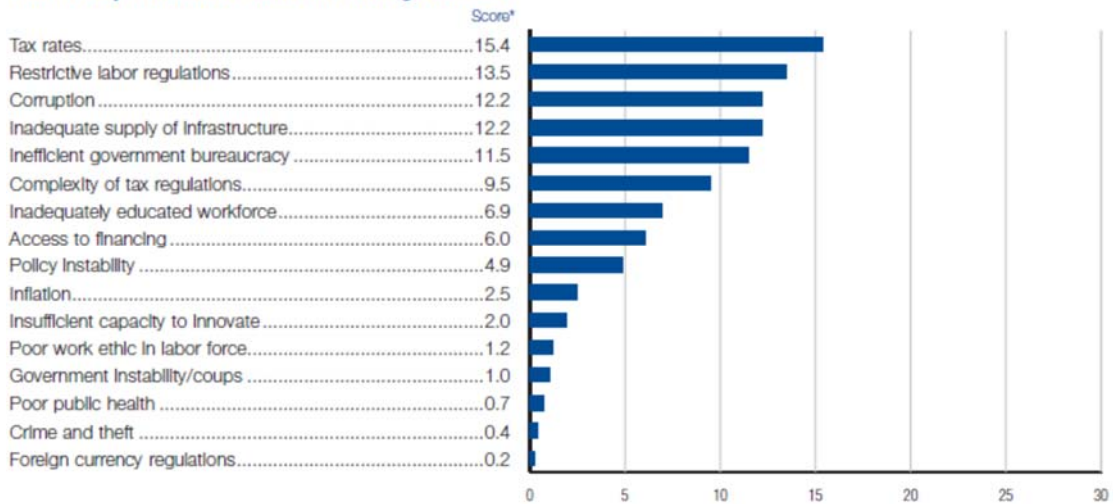
Entre as variáveis que medem a **Inovação**, o Brasil teve uma queda de 22 posições. A capacidade em inovar caiu 36 pontos, ocupando a 80ª posição. A qualidade das instituições de pesquisas científicas, em 80ª, perdeu 30 posições. Gastos em pesquisa e desenvolvimento das empresas (60o) e a procura do governo por produtos tecnológicos avançados (94o) tiveram queda de 17 pontos cada. “Isso é explicado pela crise econômica, que faz com que empresas e governo tendam a cortar gastos, assim como ocorreu com os fatores de treinamento de funcionários. O pilar Inovação caiu principalmente porque as empresas tendem a adotar um papel mais conservador em tempos ruins e por causa do pessimismo dos empresários frente ao contexto atual, que aumentam a sua percepção para os problemas do país e sentem falta de soluções que sejam transformadoras da sociedade”, avalia Arruda.

Pesquisa de opinião

Como parte da pesquisa de opinião realizada anualmente, pergunta-se aos executivos consultados quais os fatores mais problemáticos para se fazer negócios no país. Em 2015, nível de tributação, leis trabalhistas restritivas, corrupção, inadequação da infraestrutura e burocracia foram considerados os cinco mais preocupantes, conforme mostra a listagem abaixo. 7

A percepção do empresariado sobre o ambiente de negócios no Brasil em 2015

The most problematic factors for doing business



Brasil: oportunidades para o futuro

Segundo Carlos Arruda, embora o cenário geral seja marcado por grande pessimismo, a pesquisa de competitividade aponta oportunidades para o país. O mercado doméstico é um dos maiores do mundo. “Estratégias focadas na base da pirâmide, por exemplo, que desenvolvem ofertas para a camada mais pobre da população, são promissoras, e a forte desvalorização cambial abre espaço para um movimento de substituição de importações, em que empreendedores locais podem explorar opções mais baratas de produção local de bens e serviços”, avalia.

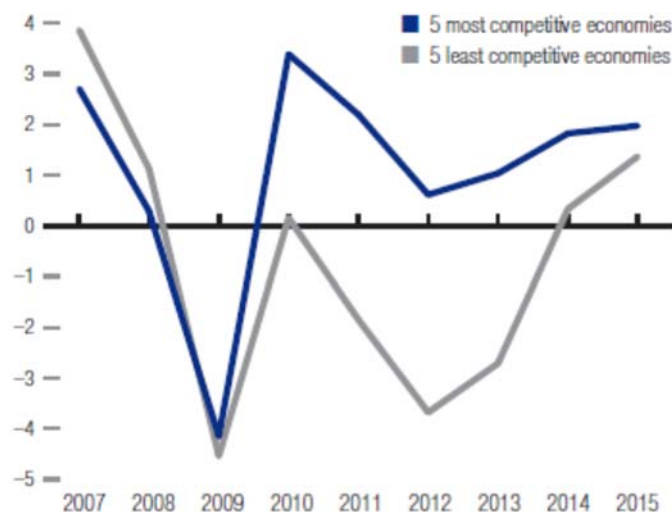
Outro ponto é prontidão tecnológica do brasileiro. “Novas tecnologias revolucionárias que fazem parte da onda de digitalização e indústria 4.0, como big data, impressora 3D e realidade aumentada, estão ainda em fase embrionária e representam uma janela de oportunidade da qual o país pode se beneficiar se souber se preparar para isso”, completa. E, por fim, a abertura da economia, uma vez que as taxas de exportação do Brasil estão entre as mais baixas do mundo, abrindo oportunidades para conquistar mercado externo.

O Novo Normal – um retrato da economia global

Para 2015, o Fórum Econômico Mundial projeta um crescimento da economia global de 3,3%, valor mais baixo desde 2009. As consequências da crise de 2008 ainda são sentidas e o crescimento fraco dos últimos anos sugere um ciclo econômico de recessões e recuperação muito mais longo do que o usual. Este novo contexto mundial de taxas de produtividade em desaceleração, alto índice de desemprego e baixo crescimento

Econômico foi definido pelo Fórum como o “Novo Normal” (*New Normal*). Tensões geopolíticas, flutuação nos preços das commodities e envelhecimento da população são outros fatores de risco apontados como armadilhas para a estagnação econômica em todo o mundo. Os países melhores colocados no ranking são capazes de promover uma retomada mais rápida do que os demais, conforme mostra a figura abaixo.

Média da taxa de crescimento do PIB (%) das cinco economias mais competitivas vs. as cinco menos competitivas



Sources: World Economic Forum; IMF 2015c.

Com baixo crescimento de produtividade, altas taxas de desemprego e projeções de crescimento negativo da economia para os próximos anos, o Brasil se encaixa na definição de “novo normal” do Fórum Econômico Mundial. Além disso, apresenta baixas taxas de investimento, instabilidade econômica e instituições degradadas. “Para sair desta situação de piora contínua, não há como fugir das soluções de curto prazo que urgem no país, como reformas fiscais e controle de orçamento do governo. O risco inflacionário, combinado à elevação do déficit público e à desvalorização cambial, é uma receita para um círculo vicioso. Com baixa abertura comercial, o desafio para o Brasil é investir mais em setores exportadores de produtos com maior valor agregado, em troca das commodities, e em acordos bilaterais no lugar dos multilaterais, ou seja, soluções mais eficazes em momentos difíceis como os de agora”, conclui Arruda.

****Sobre a Fundação Dom Cabral***

A Fundação Dom Cabral é uma escola de negócios brasileira que há 39 anos tem a missão de contribuir para o desenvolvimento sustentável da sociedade, por meio da educação, capacitação e desenvolvimento de executivos, empresários e gestores públicos.